



# **Resenhas**



GESCHÉ, Adolphe. *Deus para pensar o mal*. São Paulo: Paulinas, 2003, 184pp.

## UMA VISÃO TEOLÓGICA E DOGMÁTICA DO MAL

Por Juliana Neri Munhoz<sup>1</sup>

Adolphe Gesché escreve uma série em cinco volumes com o tema: *Deus para pensar*, em que o autor aborda a questão de Deus, não como um dado da fé, mas como uma forma que pode ajudar o homem a pensar sobre algumas questões. No caso desta resenha comentaremos sobre o volume *Deus para pensar o mal*, em que o autor explora a questão de Deus e o tema do mal.

Pensar neste tema do mal é algo complexo tendo em vista as individualidades e concepções cristãs, que durante muito tempo não atribuía dentro de seus estudos dogmáticos um aprofundamento sobre este elemento. Gesché explora no segundo capítulo alguns questionamentos importantes e que fazem parte da construção religiosa de mundo dos cristãos, como a figura do “demônio”, a existência de um mal que nos “tenta” e “fragiliza”. Gesché coloca a questão do enigma do mal, de como ele é temível, traz revoltas e é irracional. Podemos estabelecer o mal como algo ligado a fatalidade ou culpabilidade? Devemos entrar em um combate para deter o mal?

---

<sup>1</sup> Juliana Neri Munhoz é mestranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: [nerimunhoz@yahoo.com.br](mailto:nerimunhoz@yahoo.com.br).

Questões como estas nos tocam principalmente no que se refere ao mal que cai sobre os “inocentes” e as possíveis formas utilizadas pelo homem para puni-lo. A finalidade da reflexão feita por Gesché é precisamente entender o que é o mal, medindo bem a questão da responsabilidade do ser humano frente a estas questões: “Precisamos portanto falar do mal e abordar deliberadamente o seu caráter terrível. Cada um o faz e o deve fazer à sua maneira. A minha será a do teólogo. O que há para dizer?” (p. 2). A tentativa do autor será propor neste contexto a palavra “Deus”.

Para compreensão de um elemento tão complexo, Gesché estruturou seu texto em elementos descritivos (como o mal chega?, Deus diante do mal), sistemáticos (como se decompõe a trama do mal?) e práticos (como se pode vencer o mal?).

Os elementos descritivos buscam compreender a origem deste mal. Um deles é a ideia do mal enquanto algo não previsto por Deus (e a providência divina?, seria acaso?), faz com que o mal não pertença a ideia da criação, de forma que o mal é considerado como irracional absoluto. Se ele foi uma surpresa para Deus e ele não o criou, não devemos procurá-lo do lado de Deus.

Assim também não devemos procurá-lo do lado do Homem, pois o mal o pega de surpresa e o torna vítima de suas malignidades. Com a figura da serpente como inimiga e ligada ao demônio, o responsável pelo mal inicial. Sendo assim o mal não se encontra do lado do Homem e nem do lado de Deus, mas ao demônio-serpente-enigma, sendo um “acidente e uma desgraça”.



Como reagir diante deste mal? A participação do Homem dentro do problema do mal não pode ser retirada da questão, pois sua responsabilidade implica na busca de sua Salvação. O mal é algo injustificável, “entrou vindo de fora”, é um enigma e para haver uma reação é preciso julgar os “culpados”, tendo em vista a Salvação, diz Gesché. Como a prioridade evangélica se preocupa muito mais com a vítima e não com os culpados, é preciso observar os culpados ou “aqueles que não sabem o que estão fazendo”.

O homem se mostra fragilizado, pois sendo tentado e seduzido pelo mal se torna vítima deste. O pecado cometido pelo Homem pode ser perdoado, pois quem o cometeu foi “o mal”. Pensar sobre esta questão nos direciona para a responsabilidade do Homem e as consequências de seus atos. Tal concepção se encontra na própria ideia de “Inferno”, onde se encontrariam aqueles que não fizeram o bem, cometeram atrocidades e seguiram o “lado mal”. Como conceber esta luta contra o mal? É preciso ser culpado para combatê-lo?

O autor nos faz compreender que o culpado e a vítima precisam de Salvação. Como diz Gesché, para o cristianismo, a partir do tema da tentação, o culpado é também uma vítima. Desta forma, o Homem culpado, na visão cristã, não é um culpado absoluto. O Homem pode ser considerado “menos culpado”, porém ainda é munido de responsabilidade.

Desta forma, não seria “desculpabilizar” o Homem “de forma barata”. Propõe o autor “colocá-lo diante da verdadeira face e do verdadeiro perigo do mal”. A figura do demônio apresentado como

inimigo do gênero humano se mostra como o “culpado” e é aquele que pode levá-lo ao caminho da perdição, e se o ser humano em sua pequenez confrontá-lo e estiver desatento acaba fazendo o “mal”. Percebendo assim que “o mal vem de surpresa e de onde ele vem, a teologia desmascara toda a sua maliciedade”. E de forma mais sistemática a compreensão e ensaio de uma teologia dogmática é feita por Gesché.

O problema do mal não é só moral: é de objetivo e destino também. Na moralização do tema do mal encontramos elementos positivos (sendo usada de forma benéfica) e negativos. Um moralismo de culpabilidade pode ter um viés negativo, pois a culpabilidade não ocupa todo o campo do mal, pode haver o mal sem haver uma “intenção culpável”. O elemento da responsabilidade posto anteriormente não coincide com a culpabilidade.

Também um moralismo de culpabilização e de justificação são negativos: a primeira se excessiva, impede a liberdade criadora do indivíduo; a segunda busca justificar o mal, concebe o “mal desgraça” como castigo e as tragédias como estratégias do mal. O importante para o autor é uma visão mais teológica e dogmática do mal.

O que podemos entender como alternativas ou possíveis compreensões para as questões sobre o mal postas por Gesché são as mediações de Salvação que respondem a radicalidade do mal, como a caridade e a justiça. A caridade realizará toda a justiça, mas sem o saber. É necessário para o autor aprender a praticar a caridade com a justiça e a justiça com a caridade. Esta questão abarca a todo,



e nela encontramos somente “as surpresas” que nos “pegam” cotidianamente em relação as nossas ações e o mistério que é saber aonde chegaremos seguindo tais práticas.

O livro pode ser o ponto principal para aumentar as pesquisas em torno da questão do mal, que está presente no cotidiano das pessoas, mas dificilmente é aprofundado. Gesché utiliza-se de explicações teológicas e que são importantes para compreensão dos dogmas do Cristianismo e sua relação com estas questões.

[Resenha recebida em 26/7/2011.]

ELLUL, Jacques. *Perspectives on Our Age: Jacques Ellul Speaks on His Life and Work*. Edited by William H. Vanderburg. Ed. revised and expanded. Toronto: House of Anansi Press, 2004, 136pp.

## **PERSPECTIVAS DO TEMPO PRESENTE: VIDA E OBRA DE JACQUES ELLUL**

**Por Marcus Vinicius A. B. de Matos<sup>2</sup>**

Há dois desafios frequentes para trabalhos acadêmicos publicados a partir da transcrição de entrevistas ou palestras, que podem prejudicar seriamente uma obra. Um primeiro tipo é o problema de expressão que surge ao transcrever um discurso de uma linguagem oral para a formalidade de um texto acadêmico. Outro problema típico, derivado do primeiro, são as incontáveis – e, às vezes, incontornáveis – dificuldades de tradução que emergem com mais facilidade nesse tipo de obra, onde a linguagem coloquial precisa ser traduzida por outras expressões idiomáticas. Boa parte das obras transcritas são prejudicadas por uma ou outra dessas dificuldades.

Este não é o caso de *Perspectives on Our Age*. Produzido a partir de uma série de entrevistas concedidas por Jacques Ellul à série *Ideas* do canal de televisão canadense CBC, entre 1979 e 1981, o

---

<sup>2</sup> Marcus Vinicius A. B. de Matos é mestre em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGD/UFRJ), na linha de pesquisa Sociedade, Direitos Humanos e Arte. É membro da Coordenação Nacional da Rede FALE de defesa de direitos, e pesquisador associado do Instituto de Estudos da Religião (ISER). E-mail: [marcus.cine@gmail.com](mailto:marcus.cine@gmail.com).



conteúdo do livro é um resultado composto por uma edição conjunta de roteiros, entrevistas, textos escritos pelo próprio Ellul e, finalmente, dois textos autorais de Bill Vanderburg – nos quais o pesquisador explica e aprofunda sua leitura da obra de Ellul, e suas implicações culturais para nossa época. O conteúdo desta edição, de 2004, ainda sem tradução em português, é o resultado de todos estes esforços conjugados, realizados mais de vinte anos após a estreia e a reprise do programa.

O livro apresenta uma valiosa chave interpretativa para compreender os principais conceitos e superar as controvérsias mais comuns criadas em torno da vasta obra de Ellul. Em primeiro lugar, o editor enfrenta a problemática tradução de *technique* que, na língua inglesa, foi mantida inalterada na maioria dos trabalhos sociológicos do autor, mas em outras ocasiões foi traduzida como *technology*, principalmente nas obras teológicas de Ellul. Vanderburg sugere uma maior correção na primeira tradução uma vez que, para Ellul, a técnica (*technique*) é um conceito-chave que corresponde a um fenômeno mais abrangente e importante do que a tecnologia (*technology*). Assim, “da mesma forma que o conceito de racionalidade era tido por Max Weber como um fenômeno mais amplo que a tecnologia, o conceito de técnica [em Ellul] inclui a tecnologia mas está longe de ser limitado por ela” (Vanderburg *in* Ellul, 2004, p. xv)<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Tradução livre do autor: “Much as rationality was regarded by Max Weber as a phenomenon larger than technology, so also the phenomenon of technique includes technology but is far from limited to it”.



Contudo, acreditamos que esta dicotomia de tradução expresse, talvez, uma dificuldade maior e mais comum aos leitores que se aproximam da obra do autor. Trata-se de uma suposta dualidade de conceitos e pontos-de-vista que são, em tese, contraditórios. De um lado, estaríamos diante de uma obra sociológica vasta, de inspiração marxista – ou marxiana –, onde o conceito de técnica seria um equivalente sociológico do século XX ao conceito de *capital* cunhado por Marx, em referência ao mesmo fenômeno do século XIX. Por outro lado, estaríamos diante de um autor cristão e de uma obra teológica densa, cuja cosmovisão o colocaria como um crítico da modernidade a partir de sua fé – ou religião –, tencionando o entendimento, as possibilidades, e os limites da ciência e da razão.

Estas duas perspectivas conflitantes, marxista e cristã, são exploradas já no primeiro capítulo do livro, intitulado *As questões da minha vida*, que se inicia com uma descrição da infância de Ellul, e segue em uma narrativa sobre o contexto familiar e as dificuldades econômicas e financeiras pelas quais o autor passou. A partir de sua origem social, no limite entre as classes médias e populares, Ellul escolhe o curso de Direito como possibilidade de ascensão intelectual e profissional e, em 1930, descobre a obra de Karl Marx: “para mim, Marx foi uma incrível descoberta sobre a realidade do mundo em que vivemos, o qual, naquela época, poucas pessoas condenavam como sendo o mundo ‘capitalista’ (...). Era uma visão total sobre a raça



humana, sociedade e história” (Ellul, 2004, p. 4).<sup>4</sup> Durante este período, marcado pela ascensão do fascismo italiano e do nazismo na Alemanha, Ellul tem contato com diferentes tendências de representantes do pensamento marxista. Entretanto, tanto o contato com lideranças de grupos socialistas quanto com líderes operários do partido comunista foram decepcionantes para o autor. Segundo Ellul, em nenhum dos dois grupos havia uma preocupação real com o poder explicativo da obra de Marx, tampouco uma preocupação em transformar a realidade. O não-alinhamento com estes grupos foi reforçado pelos “tribunais de Moscou” instalados durante o governo de Stálin na URSS, que ocorreram entre 1934 e 1937. Estes fatores levaram o autor a uma rejeição aberta do comunismo como um sistema claramente totalitário.

Ellul destaca, ainda, dois outros elementos do pensamento de Marx que assume como tendo forte influência no seu pensamento: a dialética e a defesa dos pobres. E, neste ponto, vemos uma primeira aproximação entre as concepções teológicas e sociológicas do autor. Para Ellul, o pensamento dialético de Hegel, apropriado por Marx, seria próximo à dialética bíblica existente no Antigo Testamento e em São Paulo. Ao mesmo tempo, Ellul argumenta a necessidade de reinterpretar, em cada época e contexto histórico, as prerrogativas da revolução e do proletariado.

---

<sup>4</sup> Tradução livre do autor: “(...) for me, Marx was an astonishing discovery of the reality of this world, which, at that time, few people condemned as the ‘capitalist’ world (...). It was a total vision of the human race, society, and history”.

Os pobres – o proletariado –, para o autor, seriam aquelas pessoas alienadas em todos os níveis, e não apenas economicamente: seriam os culturalmente e sociologicamente excluídos, que podem ser representados em novos grupos sociais. Assim, em nossa sociedade, haveria sempre os “novos pobres” a serem identificados, novos excluídos de uma forma ou de outra.

Entretanto, embora reconheça uma forte identidade entre as obras de Marx e as proclamações sociais e políticas dos profetas do Antigo Testamento, o autor se separa de Marx no que concerne a sua visão sobre a Igreja e, em certos aspectos, sobre a família. “Quando me deparei de uma forma muito concreta com a questão da morte (...), rapidamente percebi que Marx não tinha as repostas para tudo” (*ibidem*, p. 11).<sup>5</sup> Havia questões existenciais sobre vida e morte, e sobre o amor, para as quais outra fonte foi necessária: a Bíblia. Assim, Ellul descreve seu processo de conversão ao cristianismo como uma experiência pessoal, brutal e súbita, que o levou, dali em diante, a um processo de conflito e contradição entre estes dois veios teóricos centrais em sua vida. Estas duas cosmovisões concorrentes, apontando para direções opostas, levaram o autor a desenvolver um modo de pensamento dialético em “contradição permanente” que, posteriormente, viria a se tornar a base para compreender toda a sua obra.

---

<sup>5</sup> Tradução livre do autor: “When I was faced very concretely with the questions of death (...), I quickly realized that Marx did not have answers for everything”.



Após sua conversão, Ellul não abandona suas perspectivas marxistas; ao contrário, traz estas para dentro de sua fé cristã e a emprega em críticas a igreja institucional, frisando que em sua visão haveria uma grande diferença entre o conceito místico de “corpo de Cristo” e as igrejas institucionalmente estabelecidas. Em um primeiro momento, se aproxima da teologia de João Calvino e, em seguida, divorcia-se do reformador quando encontra a teologia de Karl Barth – segundo ele, a grande descoberta teológica:

A noção básica de pecado, como encontrada em algumas pregações e no calvinismo, é a de que o pecado engloba tudo e que, apenas quando alguém tem a terrível convicção de que é um pecador, é que esta pessoa terá a maravilhosa notícia de que também pode ser salva. Eu acredito, todavia, que a Revelação bíblica é exatamente o oposto. (*ibidem*, p. 85)<sup>6</sup>

Na leitura que faz de Barth, Ellul afirma que a Bíblia anuncia não o pecado, mas a salvação. “Somente quando as pessoas percebem que são amadas, perdoadas e salvas – somente, então, é que percebem que eram pecadoras”. Dessa forma, o autor aponta que a noção de pecado não teria nenhuma relação com sua concepção de técnica – o que responderia as acusações de ser um “pessimista”.

Estas perspectivas teológicas se conectam com sua leitura sociológica, na medida em que o autor se propõe a criticar aquilo que seria o fenômeno mais importante e influente de nossa época: o

---

<sup>6</sup> Tradução livre do autor.

fenômeno técnico. Ellul sugere que o surgimento da indústria, do Estado moderno, da ciência, e da administração, corresponde ao triunfo dos “valores da técnica” na sociedade: *eficácia, racionalidade, utilidade e consumo*. Estes valores seriam as bases da “felicidade” em nossa época, que consagrariam uma “mentalidade técnica”, da qual todos os seres humanos seriam, hoje, prisioneiros. Esta felicidade, no entanto, não seria mais encontrada no plano intelectual ou espiritual, sendo alcançada somente por meio de bens materiais. A humanidade teria adquirido uma atitude religiosa diante da técnica. A exemplo disso, tanto na cura de doenças, quanto na expectativa de uma melhor distribuição dos bens, nossa esperança se tornou refém dos “desenvolvimentos técnicos”; temos uma “admiração absolutamente incondicional da técnica e de suas obras” (*ibidem*, pp. 81-82).

Como consequência desta nova *religião técnica*, outros tipos de “fé” emergem no século XX, na condição de “religiões seculares”. Estas podem ter a forma de “tipos políticos de fé” – como hitlerismo, stalinismo ou maóismo – como também de um retorno a “formas primitivas” de fé. Aqui, Ellul aponta para o curioso fenômeno do crescimento do esoterismo, talvez ao mesmo fenômeno outros autores implicam à pós-modernidade, e que C. S. Lewis divertidamente chamou de advento do “mágico materialista” (*cf.* Lewis, 2005, p. 32):

Em nossas sociedades ditas racionais e laicas, nós estamos testemunhando um retorno às religiões primitivas. Na França, por exemplo, há uma proliferação da astrologia, da adivinhação e dos horóscopos. Também há um conjunto de crenças em seres extra-



terrestres. É quase surpreendente ver pessoas que se dizem totalmente racionais, até mesmo totalmente científicas e, ainda assim, ficam nervosas ou preocupadas com a presença de extra-terrestres. Estes fenômenos são totalmente religiosos. (Ellul, 2004, pp. 75-76)<sup>7</sup>

Sem dúvida, *Perspectives on Our Age* é um livro indispensável para leitores de Ellul, e para aqueles que ainda não se aventuraram pela obra do autor. Trata-se de um texto esclarecedor sobre alguns pontos de difícil interpretação tanto no pensamento de Ellul. As conexões entre suas investigações sociológicas e suas convicções teológicas tornam a leitura desafiadora tanto para cristãos quanto para acadêmicos que não professem, ou sequer estudem religião. Tanto o desafio de compreender a sociedade em que vivemos, quanto o desafio de examinar os próprios métodos e abordagens – supostamente científicos – que utilizamos nessa empreitada, são colocados perante o leitor.

### **Referências bibliográficas**

- ELLUL, J. (2004), *Perspectives on Our Age: Jacques Ellul Speaks on His Life and Work*. Toronto: House of Anansi Press.
- LEWIS, C. S. (2005), *Cartas de um diabo ao seu aprendiz*. São Paulo: Martins Fontes.

[Resenha recebida em 25/11/2011.]

---

<sup>7</sup> Tradução livre do autor.